

**A Interface entre os Aspectos Afetivos com os Aspectos Cognitivos no Campo do Empreendedorismo:
Um Estudo em Evolução**

ANA LEÃO
UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO (UNINOVE)
ana_cleao@yahoo.com

VÂNIA MARIA JORGE NASSIF
UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO (UNINOVE)
vania.nassif@gmail.com

A Interface entre os Aspectos Afetivos com os Aspectos Cognitivos no Campo do Empreendedorismo: Um Estudo em Evolução

Resumo

Identificar a produção científica envolvendo o inter-relacionamento entre as emoções e os aspectos cognitivos no campo do empreendedorismo é o objetivo da presente pesquisa. Trata-se de um levantamento bibliométrico, cujas técnicas usadas foram as de citação, cocitação e análise fatorial exploratória (AFE). A finalidade foi a de identificar os trabalhos mais influentes na área, os principais periódicos, bem como a evolução dos temas em questão. A amostra selecionada foi composta por 746 artigos e um total de 19.275 citações que tiveram forte influência conceitual nos estudos envolvendo as emoções e os aspectos cognitivos. Após refinamento das obras, a análise foi realizada com as 190 obras mais citadas, extraídas da base de dados *Web of Science*. As mesmas foram agrupadas considerando as características dos fatores identificados na AFE empregadas neste estudo. Os resultados evidenciam um crescente aumento de interesse em relação aos estudos envolvendo a interface entre os aspectos afetivos e os aspectos cognitivos, em oito grandes áreas do saber e as dez dimensões/fatores que podem nortear os estudos no campo do empreendedorismo. Ficou demonstrado ainda que estes aspectos relacionados ao empreendedorismo ainda se encontram incipientes na literatura, sendo mais expressivos nas áreas da Neurociência, Psicologia Cognitiva e Ciências da Saúde.

Palavras-chave: Aspectos cognitivos; Estados afetivos; Bibliometria.

1. Introdução

A relação entre a emoção e a cognição vem sendo abordada em várias áreas do saber, especialmente na Neurociência, Psicologia Cognitiva e Ciências da Saúde. Essa relação acontece a partir de uma interação afetiva proveniente de uma experiência emocional que influencia a cognição. A cognição regula as emoções por meio de centros presentes no córtex pré-frontal (LeDoux, 1996). A sua importância na área de negócios e empreendedorismo decorre do fato de que, por meio do afeto, é possível observar que as informações podem influenciar no processo decisório (Forgas, 1995; Zajonc, 2000; Isen, 2002; Baron, 2008).

O enfoque sobre os estados afetivos e a cognição não é recente na literatura e passa por mudanças de entendimento ao longo do tempo. O primeiro entendimento envolvendo os estados afetivos e a cognição remontam dos antigos gregos, que consideravam que a emoção era inimiga da razão. Essa visão prevaleceu até 1949 quando McLean sustentou a ideia de que a emoção era processada no sistema límbico e as funções cognitivas no neocórtex cerebral, confirmando o grau de independência entre os respectivos sistemas. Mann, em 1959, trouxe à tona o problema do preconceito racial nos Estados Unidos, ao abordar a atitude cognitiva, como preferência em relação à afetiva e aspecto do comportamento individual observável, demonstrando uma primeira comunicação entre os dois sistemas. Achados de pesquisas mais recentes no campo da Neuropsicologia Cognitiva, refutam a ideia da existência de uma perspectiva localizacionista que postula ou os estados afetivos ou estados cognitivos (Cagnin, 2008). Esta nova perspectiva decorre do uso de técnicas modernas da neuroimagem cerebral usadas por estudiosos que buscam demonstrar que os centros associados ao sistema límbico aparecem estreitamente envolvidos com as funções cognitivas no neocórtex (Lottridge, Chignell & Jovicic, 2011), suportando teoricamente, a ideia da existência de um papel regulatório e modulador dos afetos na cognição (Cagnin, 2008).

No domínio do empreendedorismo, as publicações envolvendo aspectos cognitivos e afetivos, estudadas a partir de uma abordagem modular dos sistemas, só puderam ser evidenciadas na década de 1990, com estudos sobre a cognição dos empreendedores (Bird,

1992 citado por Mitchell et al., 2002), cognição empreendedora (Busenitz & Lay, 1996), e as razões do afeto ser relevante ao empreendedorismo (Baron, 1998). Para MacMillan e Katz (1992), Forgas (2001) e Nassif (2014), os aspectos cognitivos podem e servem como ferramenta eficaz na investigação e explicação dos fenômenos dentro do domínio das pesquisas sobre empreendedorismo. Estes autores trouxeram à tona a discussão sobre a importância de investigar os aspectos cognitivos e afetivos no comportamento empreendedor (Nassif, 2014), integrando as pesquisas do campo da psicologia experimental e do comportamento organizacional (Forgas, 2001). Ao que tudo indica, os estudos envolvendo os aspectos cognitivos e afetivos no campo do empreendedorismo ainda são incipientes.

Analisando outros estudos, verificou-se que até o momento não foram identificadas análises bibliométricas de citações e cocitações sobre aspectos cognitivos e afetivos, tampouco as correlações entre as referências mais usados neste campo de pesquisa. Dessa forma e levando em consideração essa lacuna, esse estudo traz uma contribuição relevante no sentido de apresentar os principais estudos na área. Assim, uma pesquisa bibliométrica foi realizada com o objetivo de identificar a base da produção científica sobre aspectos cognitivos e afetivos por meio da análise de citação e cocitações. O propósito deste estudo é o de nortear o desenvolvimento das pesquisas empíricas sobre os aspectos cognitivos e afetivos na área das ciências sociais, especialmente no campo do empreendedorismo.

2. Estados Afetivos e os Aspectos Cognitivos

O conceito de estados afetivos envolve a compreensão da emoção, humor e afeto. As emoções são disposições ou estados de prontidão que ajudam as pessoas e organismos a interagirem com o ambiente (Lang, 1995). Elas são vistas como paixões que vêm e vão, mais ou menos por conta própria (Solomon, 1976 citado por Gross e John, 2003), podendo abarcar um conjunto de reações corporais, automáticas e inconscientes, face a determinados estímulos provenientes do meio onde estamos inseridos (Damásio, 1994). As emoções também levam em consideração os processos cognitivos como um todo (Lottridge, Chignell & Jovicic, 2011), podendo afetar como as pessoas percebem e interpretam o mundo que as rodeia (Zajonc, 1980).

A experiência da emoção envolve cinco eventos (Russel & Barret, 1999; Russel, 2003), sendo o primeiro relacionado à mudança do núcleo afeto; o segundo abarca a atenção à avaliação e aos atributos do objeto (processos cognitivos); o terceiro pontua a ação dirigida ao objetivo; o quarto aborda a experiência de uma emoção específica; e o quinto trata das mudanças fisiológicas que ocorrem e são contabilizadas pelo núcleo afeto como parte da preparação para a ação. É através das emoções que as pessoas, automaticamente ou inconscientemente, qualificam e categorizam o que veem (LeDoux, 1996), apresentando certas expressões que são inatas e universais (Darwin, 1872).

A ausência da emoção e sentimento pode quebrar a racionalidade (Damásio, 1994). Ao que tudo indica, as emoções influenciam o processamento de informações sociais. Para O'Malley e Gillette (1984), as estratégias de pesquisa que se propõem a prever o comportamento, precisam confiar nas informações que tratam sobre as emoções das pessoas, uma vez que elas estão intimamente relacionadas às reações. Acredita-se que ao antecipar o efeito imediato é possível prever o comportamento para além dos componentes cognitivos (Richard, van der Pligt & Vries, 1995). Para reforçar esses dizeres, Tomkins (1981) explicou que o afeto desempenha um papel crucial como amplificador da motivação.

São várias as pesquisas que envolvem o fenômeno emoções e ou afetividade no campo de fatores humanos (Lottridge, Chignell & Jovicic, 2011). Destas pesquisas, duas vertentes são claras. A primeira conglomerada os estudos que tratam sobre respostas afetivas de baixo nível e modelagem de sentimentos e a segunda acerca-se dos estudos quem lidam com o impacto da emoção no processo cognitivo e na memória de eventos, aventando as implicações resultantes de avaliações de usabilidade da interação humano-sistema.

Os estados afetivos e os aspectos cognitivos, quando estudados conjuntamente, podem fornecer resultados de pesquisa mais consistentes, levando a uma melhor compreensão das respostas fisiológicas emocionais dos indivíduos (Bermond, 2009). A comunicação entre os dois componentes foi observada nos estudos de Akrouta (2014) ao identificar que a qualidade do relacionamento, na fase de manutenção, resulta da combinação de fatores que conglomeram os estados afetivos e emocionais; no estudo de Roysamb (1997) que sinalizou para a importância de considerar os ambientes potencialmente motivadores, cognitivos e afetivos para estudar as avaliações de risco, pontuando a necessidade de investigar os efeitos dos atributos psicológicos na geração do comportamento, especialmente das emoções; no estudo de Kelly (1955) e Ross e Nisbett (1991), ao demonstrarem que as emoções podem constituir um complemento para as teorias cognitivamente orientadas.

A relação entre os estados afetivos e a cognição pode contribuir para com os estudos que envolvem as diferenças individuais em fatores humanos, especialmente quando dimensiona-se a influência do comportamento humano na presença da incerteza (Lee *et al.*, 2006). De acordo com Gonçalves (2009), a necessidade de preservar as ações em fase de incerteza, estresse e agitação, pode explicar a cognição como ferramenta de suporte em estudos sobre fatores humanos. Essas diferenças podem afetar o desempenho da tarefa, a tomada de decisão e a avaliação, reduzindo ou aumentando a memória de trabalho e, por consequência, intensificando as diferenças individuais na capacidade de trabalhar a memória (Lottridge, Chignell & Jovicic, 2011).

A influência dos estados afetivos em nossos julgamentos e comportamentos depende do tipo de estratégia e processamento de informações que as pessoas adotam em situação particular. Com essa linha de pensamento, Forgas (2001) propôs analisar e integrar as pesquisas do campo da psicologia experimental e comportamento organizacional, para demonstrar a influência dos estados afetivos na tomada de decisão e comportamento nas organizações. Especificamente, discutiu sobre os efeitos do afeto nos comportamentos relacionados ao trabalho, dentre eles, a motivação do trabalhador, criatividade e desempenho dentre outros. Defende a integração do afeto na teorização contemporânea e pesquisas em configurações organizacionais e explica que o julgamento, a tomada de decisão, comunicação e interação são fundamentais na vida organizacional e a capacidade de executar essas tarefas de forma eficaz é um pré-requisito para o sucesso organizacional.

Os aspectos cognitivos e afetivos também são mencionados nas investigações sobre oportunidades empreendedoras e Mitchell *et al.* (2002) se propuseram a investigar as oportunidades oferecidas pela cognição social, cognição gerencial ou teoria do processamento de informações com o propósito de explicar a função dos empreendedores como pessoas chave no processo empresarial. Os autores reconheceram que os aspectos cognitivos podem e servem como ferramenta eficaz na investigação e explicação dos fenômenos dentro do domínio das pesquisas sobre empreendedorismo. Baron (2008), elaborou um quadro teórico para a compreensão do afeto no empreendedorismo, analisando as razões de o afeto ser relevante ao empreendedorismo a partir da interface entre o afeto e a cognição. Dentre as constatações, apresentou uma gama de efeitos dos aspectos afetivos sobre a cognição e o comportamento dos empreendedores, concluindo que a influência do afeto na cognição pode ter efeitos importantes no processo empreendedor, especialmente no reconhecimento de oportunidades, aquisição de recursos necessários e capacidade de respostas em ambientes altamente dinâmicos.

Importante ressaltar que há inconsistências teóricas e empíricas que resultam numa compreensão incompleta das dimensões afetivas no campo do empreendedorismo. Delgado García, Quevedo Puente e Blanco Mazagatos (2015), realizaram uma revisão sistemática de 65 artigos sobre o papel do afeto no empreendedorismo, levantando os principais argumentos psicológicos sobre a relação entre o afeto e a cognição e sobre a pesquisa de

empreendedorismo em geral. O estudo resultou em quatro grandes temas: facetas subjacentes da construção do afeto, níveis de análise do afeto, causas e consequências do afeto e por fim, o papel do afeto e as diferentes fases do processo empreendedor. Na sequência, desenvolveram uma agenda de pesquisa indicando os desafios da pesquisa sobre o afeto e a cognição incentivando futuras investigações do papel do afeto através de níveis de análise e fases do processo empreendedor.

Diante do exposto, acredita-se que os componentes afetivos e cognitivos não podem ser estudados de forma independente. Na perspectiva de Piaget (1977), a cognição e o afeto são aspectos indissociáveis de uma mesma ação, conforme observado por Nassif (2012). Eles são representados pela confiança (afetivo) e realismo percebido (lógica) e, por isso, é necessário incentivar os indivíduos a refletir sobre os processos de pensamento, a construção de mensagens e os motivos representados nas mensagens (WeintraubAustin, 2002). Através do afeto, é possível transformar as informações que serão usadas posteriormente (George, 1991, 2000, Forgas, 1995, 2000; Zajonc, 2000; Adolphs & Damásio; 2001; Isen, 2002; Baron, 2008). Para Higard (1980), a psicologia sofreu a separação tradicional de afeto, cognição e conexão em pesquisa e a negligência relativa dos fenômenos afetivos até recentemente. Sendo assim, estudar a influência das emoções sobre o comportamento e a cognição pode ser relevante no campo do empreendedorismo, especialmente quando a tarefa é complexa ou atípica, e ou quando uma escolha ou decisão requer pensamento construtivo e esforçado (Baron, 1998, 2008).

3. Procedimentos Metodológicos

O presente artigo é resultado de um estudo bibliométrico cujo o propósito é o de apresentar índices de produção e de disseminação do conhecimento científico em uma determinada área (Araujo, 2006). As análises bibliométricas permitem, aos pesquisadores, identificar quais os temas já foram tratados sobre determinado assunto, seus respectivos campos do conhecimento, as inconsistências teóricas nos estudos já tratados e as lacunas ainda não exploradas (Cooper e Lindsay (1998). Trata-se de um método que faz uso de técnicas estatísticas envolvendo correlações, regressões e análises fatoriais. A base de dados WoS foi usada como ferramenta para a seleção de dados por facilitar a pesquisa bibliométrica. As chaves de busca foram os termos “*Cognitive and affective aspects*”, nos títulos, resumos e/ou palavras-chave, restringindo-a somente aos artigos científicos revisado por especialistas. A busca na WoS resultou em 746 artigos, sem a discriminação de um intervalo de tempo. A análise longitudinal da amostra e a identificação do *core* dos periódicos foram realizadas a partir dos 190 artigos mais citados dentre os 746 artigos recuperados no dia 05 de maio de 2016. A Análise Fatorial Exploratória (AFE) partiu da matriz de cocitação buscando-se extrair os subcampos ou conjunto de artigos agrupados pelo conceito adotado (Lin & Cheng, 2010). Na presente pesquisa, a AFE identificou dez fatores, fundamentado na análise de variância explicada e que apresentou um total de 64,31%, KMO de 0,639 (KMO>0,6) e teste de esfericidade de Bartlett < 0,05, resultados considerados adequados por Hair *et al.* (2006).

3.1 Amostra da Pesquisa

A produção científica envolvendo o tema “aspectos cognitivos e afetivos” apresenta um crescimento observado a partir do ano de 2000, reunindo 73,6% das publicações. O que parece representar uma queda na produção no período entre 2010 e 2013 deve ser relativizado especialmente porque a amostra reúne apenas os 190 artigos mais citados.

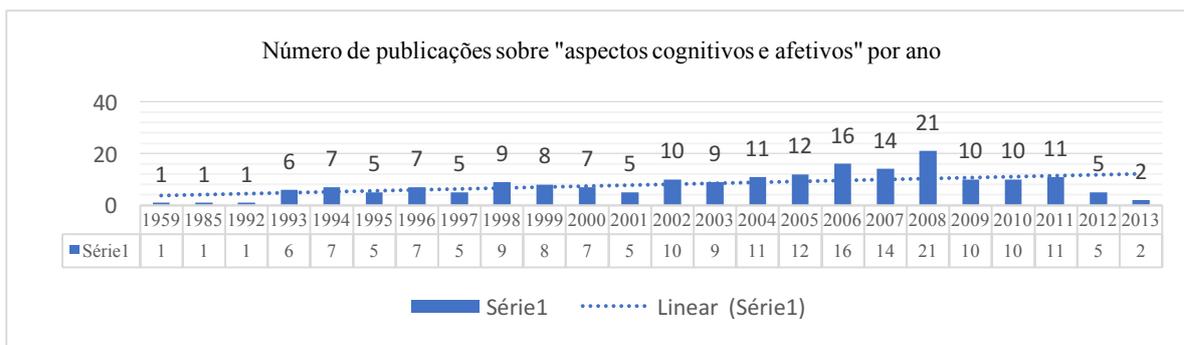


Figura 1 – Evolução de publicações sobre os termos “*Cognitive and affective aspects*”

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos artigos científicos recuperados da base de dados WoS, 2017

4 Resultados

Nesta seção, são apresentados os resultados da análise dos principais periódicos, das citações e das cocitação de autores, seguidas da análise fatorial realizada pelo levantamento das referências usadas na amostra dos 746 artigos sobre o tema “aspectos cognitivos e afetivos”, recuperados da base de dados WoS.

4.1 Análise dos Periódicos: Os artigos sobre “aspectos cognitivos e afetivos” apresentam-se dispersos em oito diferentes áreas, contemplando 134 periódicos, o que reforça a amplitude de interesses sobre a comunicação entre os temas. A figura 2 mostra as publicações por área e por número de citações.

Áreas	Public.	Cit.	%
Neurociência, Psicologia Cognitiva e Ciências da Saúde	67	7.120	42,95
Psicologia Clínica, Psicologia Experimental e Psiquiatria	47	3312	19,99
Psicologia Social, Experimental e Psiquiatria	29	2473	14,9
Psicologia, Ciências Sociais, Multidisciplinar e Interdisciplinar	14	968	5,9
Pesquisa em Educação, Psicologia Educacional e Linguística	13	964	5,8
Estudos do Ambiente, Turismo, Gestão e Negócios	10	1167	7,05
Ciências do Comportamento, Neurociência, Neurologia e Psicologia	8	463	2,8
Ciências da Computação	2	101	0,61
Total	190	16.568	100

Figura 2– Publicações por áreas e por número de citações

Fonte: Elaborado pelas autoras (2017) com base nos dados recuperados do WoS em maio de 2016.

Na figura 3 é possível verificar os periódicos mais relevantes, com o maior número de publicações sobre o título “aspectos cognitivos e afetivos”. Dos 134 periódicos identificados, 20 representam o *core* entre os periódicos que vem publicando sobre “aspectos cognitivos e afetivos”. Esses 20 periódicos publicaram 66 artigos, com 6.846 citações, representando 41% do total de citações – com base nas 16.568 citações dos 190 artigos selecionados para a análise.

Rank.	Periódicos	Pub.	Cit.	Rank	Periódicos	Pub.	Cit.
1	<i>Journal of Neuroscience</i>	6	814	11	<i>Journal of Abnormal Psychology</i>	3	158
2	<i>Pain</i>	5	885	12	<i>Journal of Clinical Psychology</i>	3	147
3	<i>Behaviour Research and Therapy</i>	4	178	13	<i>Journal of Cognitive Neuroscience</i>	3	138
4	<i>Journal of Child Psych. and Psychiatry</i>	4	218	14	<i>Psychological Medicine</i>	3	190
5	<i>Psychotherapy and Psychosomatics</i>	4	164	15	<i>Personality and Individual Differences</i>	3	145
6	<i>Current Directions in Psychological Sc.</i>	4	297	16	<i>Brain</i>	2	1406

7	<i>Biological Psychiatry</i>	3	383	17	<i>British Journal of Social Psychology</i>	2	435
8	<i>J. Clin. Exp. Neuropsych.</i>	3	218	18	<i>Neuroscience</i>	2	214
9	<i>Journal of Clinical Psychiatry</i>	3	229	19	<i>Neuroscience and Biobeh. Reviews</i>	2	199
10	<i>Neuroimage</i>	3	147	20	<i>Journal of Vocational Behavior</i>	2	147

Figura 3 Core da amostra por periódicos e número de artigos

Fonte: Elaborado pelos autores (2017), com base nos dados recuperados do WoS em maio de 2016.

4.2 Análise das Citações: Os trabalhos mais citados e, portanto, mais influentes na estrutura da produção científica sobre “aspectos cognitivos e afetivos”, tiveram sua publicação concentrada entre 1993 e 2006. O artigo de Baron (1998) é o mais influente dentre os estudos publicados. Na figura 4 é possível verificar os 20 títulos mais citados, identificados pela autoria e número de citações. O percentual está relacionado ao total de citações (19.275) dentro os 746 títulos recuperados na base de dados WoS.

Autores	Características	Citações	%
Schmanhmann e Sherman (1998)	Circuitos neurais e a síndrome cognitiva afetiva	1.283	6,66
Spiering, Everaerd e Laan (2004)	Estudos do gênero, processamento cognitivo e regulação emocional	1.054	5,47
Waterman (1993)	Emoções, métodos e correlações.	439	2,28
Derbyshire <i>et al.</i> (1997)	Controle cognitivo da emoção, afeto, cognição e motivação	434	2,26
Bergamini e Bagozzi (2000)	Estados afetivos e comportamento	387	2,01
Baron (1998)	Controle cognitivos e as emoções afetivas	312	1,62
Xu <i>et al.</i> (2006)	Circuitos neurais, cognição e afetividade	312	1,62
Overbeek, Nieuwenhuis e Ridderinkhof (2005)	Controle cognitivo e emoções afetivas (erro)	272	1,41
Bandura (2002)	Controle cognitivo e emoções afetivas (ameaça, medo)	261	1,39
Ladd e Spilka (2002)	Modelos e medições em ciências comportamentais	238	1,24

Figura 4– Artigos recuperados da base de dados WoS por título “*Cognitive aspects and affective*”

Fonte: Elaborado pelas autoras (2017)

4.3 Análise Fatorial: As análises evidenciaram que a estrutura da produção científica sobre aspectos cognitivos e afetivos é explicada em 64,31% por 40 autores/obras, os quais agruparam-se em dez fatores/dimensões, conforme se apresenta na Figura 5.

Tipo	Autores	Comunalidades	Denominação dos Fatores
Artigo	Singer & Lamm (2009)	0,840	Fator 1 “Empatia”
Artigo	Singer <i>et al.</i> (2004)	0,750	
Artigo	Mehrabian & Epstein (1972)	0,713	
Artigo	Preston & DeWall (2002)	0,697	
Artigo	Shamay Tsoory, Aharon-Peretz & Perry (2009)	0,694	
Artigo	Decety & Jackson (2004)	0,634	
Artigo	Ashforth & Mael (1989)	0,736	Fator 2 “Emoção, felicidade e identidade social”
Livro	Fridja (1986)	0,699	
Artigo	Costa McCrae (1980)	0,615	
Artigo	Bandura (1977)	0,587	
Artigo	Lazarus (1991)	0,513	
Artigo	Ajzen (1991)	0,778	Fator 3 “Modelagem estrutural e a teoria da atitude”
Livro	Eagly & Chaiken (1993)	0,710	
Artigo	Bentler (1990)	0,652	
Livro	Ajzen & Fishbein (1980)	0,652	
Artigo	Anderson & Gerbing (1988)	0,495	

Livro	Damásio (1999)	0,837	Fator 4 “Emoções, sentimentos e afeto”
Livro	Damásio (1994)	0,771	
Livro	Damásio (2003)	0,607	
Artigo	James (1884)	0,480	Fator 5 “Estados afetivos e comportamento”
Livro	LeDoux (1996)	0,690	
Livro	Panksepp (1998)	0,685	
Artigo	Forgas (1995)	0,653	Fator 6 “Controle cognitivo da emoção, afeto e motivação”
Artigo	Ochsner et al. (2002)	0,782	
Artigo	Gross & John (2003)	0,698	
Artigo	Busch, Luu & Posner (2000)	0,642	
Artigo	Lieberman (2007)	0,554	Fator 7 “Interações cognitivas-emocionais e a intensidade percebida”
Artigo	Rainville et al. (1977)	0,791	
Artigo	Davis (1983)	0,583	
Artigo	Craig (2009)	0,510	
Artigo	Pessoa (2008)	0,430	Fator 8 “Empatia e as perspectivas cognitivas”
Artigo	Blair (2005)	0,798	
Artigo	Frith & Frith (2003)	0,657	
Artigo	Baron-Cohen & Wheelwright (2004)	0,623	Fator 9 “Emoções, estratégias e estímulos cognitivos: escalas, métodos e correlações”.
Artigo	Ochsner & Gross (2005)	0,811	
Artigo	Oldfield (1971)	0,610	
Artigo	Radloff (1977)	0,481	
Livro	Talairach & Tournoux (1988)	0,421	Fator 10 “Modelos e medições em ciências comportamentais”.
Artigo	Preacher & Hayes (2008)	0,726	
Artigo	Podsakoff et al. (2003)	0,665	

Figura 5- Agrupamento das principais referências cocitadas

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir dos dados recuperados do WoS (2016)

O **primeiro fator** abrange o período entre 1972 a 2009, com um total de seis obras. A **Empatia** foi o tema central deste fator. O trabalho com maior correlação é o de Singer e Lamm (2009), intitulado “*The Social Neuroscience of Empathy*”, publicado no *Annals of the New York Academy of Sciences*. Nele, os autores consideraram os avanços da neurociência sobre o fenômeno empatia com o propósito de fornecer uma discussão aprofundada e crítica dessas descobertas. No trabalho de Singer *et al.* (2004), “*Empathy for Pain Involves the Affective but not Sensory Components of Pain*”, publicado no periódico *Science*, os autores buscaram em imagens funcionais, avaliar a atividade cerebral enquanto os voluntários experimentaram um estímulo doloroso e concluíram que somente a parte relacionada à dor associada com as suas qualidades afetivas, medeia a empatia. O estudo de Mehrabian e Epstein (1972), “*A measure of emotional empathy*”, publicado no *Journal of Personality*, objetivou desenvolver uma medida de empatia emocional com o propósito de testar sua validade a partir do atributo de personalidade e a hipótese era a de que uma pessoa que tem um alto nível de empatia emocional tem menos probabilidade de se envolver em comportamento agressivo. O trabalho de Preston e DeWall (2002), “*Empathy: Its ultimate and proximate bases*”, publicado no *The Behavioral Brain Sciences*, apresentou um Modelo de Percepção-Ação (PAM) com o propósito de compreender o modo como as representações mudam com a experiência, explicando os principais efeitos sobre a empatia de similaridade, familiaridade, experiência passada, ensino e relevância explícitos e formar, com isso, teorias preditivas sobre uma variedade de distúrbios de empatia e os diferentes níveis de empatia possíveis entre espécies e grupos etários. Shamay-Tsoory, Aharon-Peretz e Perry (2009), no artigo intitulado “*Two systems for empathy: a double dissociation between emotional and cognitive empathy in inferior frontal gyrus versus ventromedial prefrontal lesions*”, publicado no *Brain*, consideraram a evidências sobre a existência de dois sistemas possíveis para a empatia: um sistema de contágio emocional básico e um sistema cognitivo de tomada de

perspectiva mais avançada, bem como a falta de clareza sobre se esses dois sistemas interagem ou se eles são independentes. Decety e Jackson (2004), no artigo “*The functional architecture of human empathy*”, publicado no *Behavioral and cognitive neuroscience reviews*, partiram do pressuposto de que a empatia envolve não apenas a experiência afetiva do estado emocional real ou inferido da outra pessoa, mas também algum reconhecimento mínimo e compreensão do estado emocional de outra pessoa, constatando que as representações neurais compartilhadas, autoconsciência, flexibilidade mental e regulação emocional, constituem macro componentes básicos da empatia, os quais são sustentados por sistemas neurais específicos.

O **segundo fator** nomeado de **Emoção, Felicidade e Identidade social** tem cinco trabalhos e abrange o período entre 1977 a 1991. O trabalho de maior identificação com o fator é o de Ashforth & Mael (1989), intitulado “*Social identity theory and the organization*”, publicado na *Academy of Management Review*. Os autores argumentaram que a identificação social é uma percepção da unicidade com um grupo de pessoas e que ela provém da individualização, do carácter distintivo e do prestígio do grupo e ressaltaram que esta perspectiva pode ser aplicada à socialização organizacional e às relações intergrupais. Fridja (1986), em seu livro *The emotions: Studies in emotion and social interaction*, reuniu tópicos de pesquisa para responder o que são as emoções e argumenta que as emoções surgem porque os eventos são avaliados pelas pessoas como favoráveis ou prejudiciais aos seus próprios interesses. Cost e McCrae (1980), no artigo “*Influence of extraversion and neuroticism on subjective well-being: happy and unhappy people*”, publicado no *Journal of personality and social psychology*, relataram três estudos nos quais examinam as relações entre personalidade e felicidade ou bem-estar subjetivo: conjunto de traços que refletem na influência positiva ou satisfação, enquanto um conjunto diferente de traços influencia o afeto negativo ou a insatisfação; o conjunto anterior de traços pode ser visto como componentes de expansão, e os últimos como componentes de neuroticismo e, as diferenças de personalidade que antecedem e predizem diferenças de felicidade. Bandura (1977), no artigo “*Self-efficacy: toward a unifying theory of behavioral change*”, publicado na *Psychological Review*, apresenta um modelo teórico integrador para explicar e prever as mudanças psicológicas obtidas por diferentes modos de tratamento em relação às expectativas de eficácia pessoal, sendo: realizações de desempenho, experiência vicária, persuasão verbal e estados fisiológicos. Quanto mais dependentes forem as fontes experienciais, maior será a mudança na autoeficácia percebida. No estudo de Lazarus (1991), *Emotion and adaptation*, publicado na *Oxford University Press on Demand*, o autor abordou sobre a teoria da emoção vista como desempenhando um papel central e complexo nos esforços de sobrevivência, florescimento e realização de um indivíduo.

O **terceiro fator**, com cinco obras publicadas no período entre 1980 e 1993, foi nomeado **Modelagem Estrutural e a Teoria da Atitude**. O trabalho de maior identificação com o fator é o de Ajzen (1991), intitulado “*The theory of planned behavior*”, publicado no *Organizational behavior and human decision processes*. Trata-se de uma revisão teórica sobre vários aspectos da teoria do comportamento planejado, ao tempo em que discute sobre questões não resolvidas e conclui que a inclusão de comportamento passado na equação como um meio de testar a suficiência da teoria, permanece não resolvida. No estudo de Eagly e Chaiken (1993), os autores juntamente com os estudantes de pós-graduação, publicaram um livro intitulado *The psychology of attitudes*, no *Harcourt Brace Jovanovich College Publishers*, com o propósito de estabelecer uma visão integradora da literatura sobre o fenômeno atitudes. Parte do trabalho realizado pode ser aplicado nos ambientes naturais e, se mostrando interessante para os profissionais, que projetam programas para mudar atitudes e comportamentos. Bentler (1990), no artigo intitulado “*Comparative fit indexes in structural models*”, publicado no *Psychological bulletin*, propôs um novo coeficiente para resumir a

redução relativa dos parâmetros de não centralidade de 2 modelos e explicaram que os novos índices de ajuste funcionam em todos tamanhos de amostra. Ajzen e Fishbein (1980), no estudo *Understanding attitudes and predicting social behavior*, publicado no *Eglewood Cliffs*, investigaram as atitudes e modelo de teoria e ação racional. Anderson e Gerbing (1988), no artigo “*Structural equation modeling in practice: A review and recommended two-step approach*”, publicado no *Psychological bulletin*, procuraram fornecer uma orientação sobre o uso da modelagem de equações estruturais na prática para testes e desenvolvimento teórico.

O **quarto fator**, denominado **Emoções, Sentimentos e Afeto**, contempla quatro obras, das quais uma representa o estudo seminal sobre o fenômeno Emoções, publicado em 1884. As outras três obras de mesma autoria, foram publicadas entre 1994 e 2003. A obra de maior correlação com o fator é o livro publicado por Damasio (1999), “*The feeling of what happens: body and emotion in the making of consciousness*, que trata o problema da mente consciente, faz reflexões sobre neurológico e neuropsicológico e desenvolve questões relacionadas com o sentimento, as emoções e o conhecimento. Em 1995, no livro “*Descartes Error: Emotion, Reason, and the Human Brain*”, Damásio aborda como as perspectivas filosóficas de Descartes exerceram influência na ciência e na medicina por mais de trezentos anos e, em 2004, no livro ‘*Looking for Spinoza: Joy, Sorrow and the Feeling Brain*’, o autor considera que os afetos são parte do aparato de regulação da homeostase do organismo e as emoções são formas de marcar as representações mnêmicas com sinais de 'bom para a vida' ou 'ruim para a vida', recebendo valências positivas, afetos prazerosos e afetos desprazerosos. O artigo de James (1884), *What is an emotion?* publicado no *Mind*, é considerado o estudo seminal sobre as emoções e a finalidade foi a de mostrar os processos cerebrais emocionais e sensoriais comuns e aqueles que agem de forma distinta. O autor procura simplificar as noções sobre as possibilidades de complicações fisiológicas do cérebro partindo da tese de que os controles corporais que seguem diretamente à percepção do fato desencadeiam a sensação de mudanças de acordo com a produção da emoção.

O **quinto fator** foi denominado **Estados Afetivos e Comportamento**. Contempla três obras publicadas entre 1995 e 1998. O estudo com maior correlação com o fator é LeDoux (1996). Nessa obra, o autor concentra seus esforços para definir a emoção, expandindo os conhecimentos sobre os aspectos mais amplos da mente e do comportamento. Panksepp (1998), em seu livro “*Affective neuroscience: The foundations of human and animal emotions*”, publicado no *Oxford University Press*, considerou que a base dos sentimentos emocionais está contida dentro do aparelho de ação emocional evoluído de cérebros de mamíferos, podendo, portanto, refletir a neurodinâmica dos sistemas cerebrais que geram comportamentos emocionais instintivos. Explica que um estudo neurocientífico direto dos estados emocionais/afetivos do processo primário é melhor alcançado através do estudo das tendências de ação emocional intrínseca instintiva incluindo, medo, raiva, cuidado, pânico e jogo. Constata ainda que as funções cerebrais de processamento de informação, críticas para a consciência cognitiva, são mais difíceis de estudar em outros animais do que as funções homólogas do estado afetivo emocional/motivacional do cérebro. Forgas (1995), em “*Mood and judgment: the affect infusion model (AIM)*”, publicado no *Psychological Bulletin*, buscou revisar a evidência do papel dos estados afetivos nos julgamentos sociais, e uma nova teoria integrativa, propondo um modelo de infusão de afetos (AIM), baseado em quatro estratégias alternativas de julgamento: (a) acesso direto, (b) motivado, (c) heurístico, e (d) processamento substantivo.

O **sexto fator** foi denominado **Controle Cognitivo da Emoção, Afeto e Motivação**. Contempla quatro obras publicadas entre 2000 a 2007. O estudo com maior correlação com o fator é o de Ochsner *et al.* (2002), “*Rethinking feelings: an fMRI study of the cognitive regulation of emotion*”, publicado no *Journal of Cognitive Neuroscience*. Discutiram as bases neurais do controle cognitivo da emoção valendo-se de imagens de ressonância

magnética funcional com o propósito de examinar os sistemas neurais usados para reavaliar cenas negativas em termos não emocionais. Os achados da pesquisa suportam a hipótese de que o córtex pré-frontal está envolvido na construção de estratégias de reavaliação que podem modular a atividade em múltiplos sistemas de processamento emocional. Gross e John (2003), no artigo “*Individual differences in two emotion regulation processes: implications for affect, relationships, and well-being*”, publicado no *Journal of Personality and Social Psychology*, realizaram cinco estudos e testaram duas hipóteses, envolvendo como (1) os indivíduos diferem no uso de estratégias de regulação emocional (reavaliação e supressão), e (2) se essas diferenças individuais têm implicações no afeto, no bem-estar e nas relações sociais. Os autores constataram que a reavaliação, com sua ênfase no controle do significado pessoal, tem mais significado do que os eventos têm para o indivíduo e esclareceram que, ocasionalmente, pode não haver tempo para reavaliar cognitivamente uma situação em rápida evolução, tornando a reavaliação uma escolha impraticável. Ressaltaram ainda que a reavaliação tem mais consequências adaptativas para o afeto, para as relações e o bem-estar quando se deseja regular as emoções. Bush, Luu e Posner (2000), no artigo “*Cognitive and emotional influences in anterior cingulate cortex*”, publicado no *Trends in Cognitive Sciences*, valeram-se de constatações de estudos de uma área focal de negatividade leva a ideia de que o córtex cingulado anterior (ACC) pode ser a detecção de erro do cérebro e dispositivo de correção. Os autores revisaram a ideia de que o ACC é parte de um circuito envolvido em uma forma de atenção que serve para regular o processamento cognitivo e emocional. Lieberman (2007), o artigo “*Social cognitive neuroscience: a review of core processes*”, publicado no *Annu. Rev. Psychol.*, consideraram a neurociência cognitiva social como sendo a área que examina fenômenos e processos sociais a partir do uso de ferramentas de pesquisa, tais como a neuroimagem e neuropsicologia. Examinaram quatro grandes áreas de pesquisa dentro da neurociência cognitiva social: (a) compreender os outros, (b) compreender a si mesmo, (c) controlar a si mesmo, e (d) os processos que ocorrem na interface do eu e dos outros e destacaram duas distinções de processamento básico que podem ser identificadas neurocognitivamente em todos esses domínios: a distinção entre processos automáticos *versus* processos controlados que contribui para a cognição social; e a diferenciação entre processos centrados internamente que se concentram no próprio interior ou no interior mental e nos processos focalizados externamente que se concentram nas características e ações visíveis de uma pessoa ou de outra é uma nova distinção. Os autores explicaram que esta distinção emerge das investigações de neurociência cognitiva social e não das teorias psicológicas existentes que demonstram que a neurociência cognitiva social pode se basear e contribuir para a teoria psicológica social.

O sétimo fator foi denominado **Interações Cognitivas-Emocionais e a Intensidade Percebida**. Contempla quatro obras publicadas entre 1977 e 2009. O estudo com maior correlação com o fator é o de Rainville *et al.* (1977), “*Pain affect encoded in human anterior cingulate but not somatosensory cortex*”, publicado no *Science*. Os autores consideraram as múltiplas regiões do córtex cerebral humano ativado pela dor. Para os autores, esses achados fornecem evidência experimental direta em seres humanos ligando a atividade límbica do lobo frontal com o efeito da dor, como originalmente sugerido por estudos de lesões clínicas precoces. Davis (1983), no artigo “*Measuring individual differences in empathy: Evidence for a multidimensional approach*”, publicado no *Journal of Personality and Social Psychology*, buscou descrever o Índice de Reatividade Interpessoal (IRI) e suas relações com medidas de funcionamento social, auto-estima, emocionalidade e sensibilidade a outros. Os autores forneceram evidências para uma abordagem multidimensional da empatia. Craig (2009), no artigo “*How do you feel—now? the anterior insula and human awareness*”, publicado no *Nature Reviews Neuroscience*, consideraram que o córtex insular anterior (AIC) está implicado em uma ampla gama de condições e comportamentos sugerindo um papel

fundamental para o AIC, sendo necessário considera-lo como uma possível correlação neural da consciência. Pessoa (2008), no artigo intitulado “*On the relationship between emotion and cognition*”, publicado no *Nature Reviews Neuroscience*, demonstraram que muitas regiões do cérebro podem ser conceituadas como “afetivas” ou “cognitivas”. Para ele, as principais interações cognitivo-emocionais são as áreas cerebrais com um alto grau de conectividade, chamadas de *hubs*, que são críticas para a regulação do fluxo e a integração da informação entre as regiões.

O oitavo fator foi denominado **Empatia e as Perspectivas Cognitivas**. Contempla três obras publicadas entre 2003 e 2005. O estudo com maior correlação com o fator é o de Blair (2005), intitulado “*Responding to the emotions of others: dissociating forms of empathy through the study of typical and psychiatric populations*”, publicado no *Consciousness and Cognition*. O autor partiu do pressuposto de que a empatia é um termo leigo que está se tornando cada vez mais visto como uma função unitária no campo da neurociência cognitiva. Seu propósito foi fornecer uma revisão seletiva da literatura de empatia. Para tal, subdividiu o estudo em três partes: (1) empatia cognitiva (ou Teoria da Mente), (2) empatia motora e (3) empatia emocional. Frith e Frith (2003), no artigo “*Development and neurophysiology of mentalizing*”, publicado no *Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences*. Os autores demonstraram que estudos de neuroimagem de mentalização têm sido realizados em adultos e revelam um sistema com três componentes: córtex pré-frontal mediano (MPFC), polos temporais e sulco temporal posterior superior (STS). Baron-Cohen e Wheelwright (2004), no artigo “*The empathy quotient: an investigation of adults with Asperger syndrome or high functioning autism, and normal sex differences*”, publicado *Journal of Autism and Developmental Disorders*, consideraram que a empatia é uma parte essencial do funcionamento social normal, mas que existem poucos instrumentos preciosos para medir as diferenças individuais neste domínio. Os autores objetivaram revisar as teorias psicológicas da empatia e sua medida.

O nono fator foi denominado **Emoções, Estratégias e Estímulos Cognitivos: Escalas, Métodos e Correlações**. Contempla quatro obras publicadas entre 1971 e 2005. O estudo com maior correlação com o fator é o de Ochsner e Gross (2005), “*The cognitive control of emotion*”, publicado no *Trends in Cognitive Sciences*. Nesse artigo, os autores consideraram que a capacidade de controlar a emoção é importante para a adaptação humana. Ressaltaram que os estudos têm investigado (1) o controle da atenção, e (2) a mudança cognitiva do significado de estímulos emocionalmente evocativos e constataram uma arquitetura funcional para o controle cognitivo da emoção que coincide com os resultados de outras pesquisas humanas e não-humanas sobre emoção. Oldfield (1971), no estudo “*The assessment and analysis of handedness: the Edinburgh inventory*”, publicado no *Neuropsychologia*, propôs um inventário de 20 itens com um conjunto de instruções e convenções de resposta e computacionais, com o propósito de discutir acerca da diferença de incidência de destreza entre os sexos. Radloff (1977), no estudo “*The CES-D scale: A self-report depression scale for research in the general population*”, publicado no *Applied Psychological Measurement*, criou uma escala de auto-relato, denominada CES-D, projetada para medir a sintomatologia depressiva na população em geral e esclareceu que a escala deve ser uma ferramenta útil para estudos epidemiológicos de depressão. No livro de Talairach e Tournoux (1988), *Co-planar stereotaxic atlas of the human brain. 3-Dimensional proportional system: an approach to cerebral imaging*, os autores ofereceram o sistema de grade de imagem cerebral que permite a localização de estruturas neuroanatomias não visíveis com os métodos radiológicos tradicionais.

O décimo fator foi denominado “**Modelos e Medições em Ciências Comportamentais**”. Contempla duas obras publicadas entre 2003 e 200. O estudo com maior correlação com o fator é o de Preacher e Hayes (2008), intitulado “*Asymptotic and*

resampling strategies for assessing and comparing indirect effects in multiple mediator models”, publicado no *Behavior Research Methods*. Os autores forneceram uma visão geral da mediação simples e múltipla e exploraram três abordagens que podem ser usadas para investigar processos indiretos, bem como métodos para contrastar dois ou mais mediadores dentro de um único modelo. Podsakoff *et al.* (2003), no artigo “*Common method biases in behavioral research: a critical review of the literature and recommended remedies*”. *Journal of Applied Psychology*, objetivaram examinar até que ponto os vieses do método influenciam os resultados da pesquisa comportamental, identificar fontes potenciais de viés de método, discutir os processos cognitivos através dos quais os vieses do método influenciam as respostas às medidas, avaliar as diversas técnicas processuais e estatísticas que pode ser usado para controlar os vieses do método e fornecer recomendações sobre como selecionar remédios processuais e estatísticos adequados para diferentes tipos de configurações de pesquisa.

5 Considerações Finais

Esse estudo procurou identificar a base da produção científica sobre aspectos cognitivos e afetivos por meio da análise de citações e cocitações, particularmente no campo do empreendedorismo.

Foram apresentadas evidências do crescente aumento de interesse em relação aos estudos envolvendo a interface entre os aspectos cognitivos e afetivos, em várias áreas do saber, evidenciando dez dimensões que podem nortear os estudos na área. Como pôde ser observado, estudos e pesquisas associando aspectos afetivos e cognitivos na área de empreendedorismo se mostraram incipientes, no entanto, relevantes. O empreendedor visto como agente social e ator do desenvolvimento econômico, dotado de emoções e cognições, reforça a importância de aprofundamento destes constructos, cujo sentido é o de melhor compreender suas ações, comportamentos e sentimentos.

Assim, esse estudo enfatiza a utilidade e importância dos conhecimentos teóricos e práticos que podem ser propiciados pelas pesquisas sobre cognição e afetividade no campo do empreendedorismo, considerando os estudos frente às características psicológicas dos empreendedores, estratégias de sucesso, capacidade de superação, sobrevivência, paixão, dentre tantas outras vertentes. O estudo de Baron (1998), é considerado o mais influente no campo do empreendedorismo, com 312 citações, no entanto, considerou que processos cognitivos estão longe de ser totalmente racionais, sendo o pensamento influenciado por uma série de fontes potenciais de erros e vieses que sobrecarregam a sua capacidade de processamento de informação, especialmente a incerteza, novidade, afetividade e pressão de tempo.

Acredita-se que as contribuições do presente estudo justificam e norteiam a ampliação do tema cognição e afetividade no campo do empreendedorismo, ampliando assim, o conhecimento acerca deste fenômeno social.

Referências

- Adolphs, R., Tranel, D., & Damasio, H. (2001). Emotion recognition from faces and prosody following temporal lobectomy. *Neuropsychology*, *15*(3), 396.
- Ajzen, I., & Fishbein, M. (1980). *Understanding attitudes and predicting social behaviour*. Eglewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, Inc.
- Akrout, H. (2014). Relationship Quality in Cross-Border Exchanges: A Temporal Perspective. *Journal of Business-to-Business Marketing*, *21*(3), 145-169.
- Ajzen, I. (1991). The theory of planned behavior. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, *50*(2), 179-211.
- Anderson, J. C., & Gerbing, D. W. (1988). Structural equation modeling in practice: A review and recommended two-step approach. *Psychological Bulletin*, *103*(3), 411.

- Araújo, C. A. (2006). Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. *Em questão*, 12(1).
- Ashforth, B. E., & Mael, F. (1989). Social identity theory and the organization. *Academy of Management Review*, 14(1), 20-39.
- Bagozzi, R. P., & Dholakia, U. M. (2006). Antecedents and purchase consequences of customer participation in small group brand communities. *International Journal of Research in Marketing*, 23(1), 45-61.
- Bandura, A. (1977). Self-efficacy: toward a unifying theory of behavioral change. *Psychological Review*, 84(2), 191.
- Bandura, A. (2002). Selective moral disengagement in the exercise of moral agency. *Journal of Moral Education*, 31(2), 101-119.
- Baron, R. A. (1998). Cognitive mechanisms in entrepreneurship: Why and when entrepreneurs think differently than other people. *Journal of Business Venturing*, 13(4), 275-294.
- Baron, R. A. (2008). The role of affect in the entrepreneurial process. *Academy of Management Review*, 33(2), 328-340.
- Baron-Cohen, S., & Wheelwright, S. (2004). The empathy quotient: an investigation of adults with Asperger syndrome or high functioning autism, and normal sex differences. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 34(2), 163-175.
- Bentler, P. M. (1990). Comparative fit indexes in structural models. *Psychological Bulletin*, 107(2), 238.
- Bergami, M., & Bagozzi, R. P. (2000). Self-categorization, affective commitment and group self-esteem as distinct aspects of social identity in the organization. *British Journal of Social Psychology*, 39(4), 555-577.
- Bermond, B., Bierman, D. J., Cladder, M. A., Moormann, P. P., & Vorst, H. C. (2010). The cognitive and affective alexithymia dimensions in the regulation of sympathetic responses. *International Journal of Psychophysiology*, 75(3), 227-233.
- Blair, R. J. R. (2005). Responding to the emotions of others: dissociating forms of empathy through the study of typical and psychiatric populations. *Consciousness and Cognition*, 14(4), 698-718.
- Bush, G., Luu, P., & Posner, M. I. (2000). Cognitive and emotional influences in anterior cingulate cortex. *Trends in Cognitive Sciences*, 4(6), 215-222.
- Busenitz, L. W., & Barney, J. B. (1997). Differences between entrepreneurs and managers in large organizations: Biases and heuristics in strategic decision-making. *Journal of Business Venturing*, 12(1), 9-30.
- Cagnin, S. (2008). Algumas contribuições das neurociências para o estudo da relação entre o afeto e a cognição. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 8(2), 0-0.
- Cooper, H. M., & Lindsay, J. J. (1998). Research synthesis and meta-analysis. In *National Conference on Research Synthesis: Social Science Informing Public Policy, Jun, 1994, Washington, DC, US*. Sage Publications, Inc.
- Costa, P. T., & McCrae, R. R. (1980). Influence of extraversion and neuroticism on subjective well-being: happy and unhappy people. *Journal of personality and social psychology*, 38(4), 668.
- Craig, A. D. (2009). How do you feel—now? the anterior insula and human awareness. *Nature Reviews neuroscience*, 10(1).
- Damasio, A. (1994). *Descartes' error: Emotion, reason, and the human brain*. New York: Putnam.
- Damasio, A. R. (1999). *The feeling of what happens: Body and emotion in the making of consciousness*. Houghton Mifflin Harcourt.
- Darwin, C. (1872). *The expression of the emotions in man and animals*. London, UK: Murray.
- Davis, M. H. (1983). Measuring individual differences in empathy: Evidence for a multidimensional approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44(1), 113-126.
- Decety, J., & Jackson, P. L. (2004). The functional architecture of human empathy. *Behavioral and Cognitive Neuroscience Reviews*, 3(2), 71-100.

- Decety, J., & Jackson, P. L. (2006). A social-neuroscience perspective on empathy. *Current Directions in Psychological Science*, 15(2), 54-58.
- Delgado García, J. B., Quevedo Puente, E., & Blanco Mazagatos, V. (2015). How affect relates to entrepreneurship: A systematic review of the literature and research agenda. *International Journal of Management Reviews*, 17(2), 191-211.
- Derbyshire, S. W., Jones, A. K., Gyulai, F., Clark, S., Townsend, D., & Firestone, L. L. (1997). Pain processing during three levels of noxious stimulation produces differential patterns of central activity. *Pain*, 73(3), 431-445.
- Eagly, A. H., & Chaiken, S. (1993). *The Psychology of Attitudes* Harcourt Brace Jovanovich College Publishers. Fort Worth, TX.
- Forgas, J. P. (1995). Mood and judgment: the affect infusion model (AIM). *Psychological Bulletin*, 117(1), 39.
- Forgas, J. P. (2000). Affect and information processing strategies: An interactive relationship.
- Forgas, J. P. (2001). *Feeling and thinking: The role of affect in social cognition*. Cambridge University Press.
- Frijda, N. H. (1986). *The emotions: Studies in emotion and social interaction*. Cambridge University Press.
- Frith, U., & Frith, C. D. (2003). Development and neurophysiology of mentalizing. *Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences*, 358(1431), 459-473.
- George, R. (1991). A field evaluation of the cognitive interview. *Unpublished master's thesis, Polytechnic of East London*.
- George, J. M. (2000). Emotions and leadership: The role of emotional intelligence. *Human Relations*, 53(8), 1027-1055.
- Greenberg, M. T., Speltz, M. L., & DeKlyen, M. (1993). The role of attachment in the early development of disruptive behavior problems. *Development and Psychopathology*, 5(1-2), 191-213.
- Gross, J. J., & John, O. P. (2003). Individual differences in two emotion regulation processes: implications for affect, relationships, and well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 85(2), 348.
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2006). *Multivariate data analysis 6th Edition*. Pearson Prentice Hall. New Jersey.
- Isen, A. M. (2002). A role for neuropsychology in understanding the facilitating influence of positive affect on social behavior and cognitive processes. In: Snyder CR, Lopez SJ, editors. *Handbook of positive psychology*. Oxford University Press; New York: 2002. pp. 528-540.
- James, W. (1884). What is an emotion?. *Mind*, 9(34), 188-205.
- Kelly, G. A. (1955). *The psychology of personal constructs*. New York: Norton.
- Ladd, K. L., & Spilka, B. (2002). Inward, outward, and upward: Cognitive aspects of prayer. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 475-484.
- Lang, P. (1995). The emotion probe: Studies of motivation and attention. *American Psychologist*, 50, 372-385.
- Lazarus, R. S. (1991). *Emotion and adaptation*. Oxford University Press on Demand.
- LeDoux, J. E. (1996). *The Emotional Brain: The Mysterious Underpinnings of Emotional Life*. New York, Simon&Schuster.
- Lee, C., Yoo, S. K., Park, Y., Kim, N., Jeong, K., & Lee, B. (2006, January). Using neural network to recognize human emotions from heart rate variability and skin resistance. In *Engineering in Medicine and Biology Society, 2005. IEEE-EMBS 2005. 27th Annual International Conference of the* (pp. 5523-5525). IEEE.
- Lieberman, M. D. (2007). Social cognitive neuroscience: a review of core processes. *Annu. Rev. Psychol.*, 58, 259-289.

- Lin, T. Y., & Cheng, Y. Y. (2010). Exploring the knowledge network of strategic alliance research: A co-citation analysis. *International Journal of Electronic Business Management*, 8(2), 152.
- Lottridge, D., Chignell, M., & Jovicic, A. (2011). Affective interaction understanding, evaluating, and designing for human emotion. *Reviews of Human Factors and Ergonomics*, 7(1), 197-217.
- MacLean, P. D. (1949). Psychosomatic Disease and the "Visceral Brain": Recent Developments Bearing on the Papez Theory of Emotion. *Psychosomatic Medicine*, 11(6), 338-353.
- MacMillan, I.C. & Katz, J.A. (1992). Idiosyncratic milieus of entrepreneurial research: The need for comprehensive theories. *Journal of Business Venturing*, 7, 1-8.
- Mann, R. D. (1959). A review of the relationships between personality and performance in small groups. *Psychological Bulletin*, 56(4), 241.
- Mehrabian, A., & Epstein, N. (1972). A measure of emotional empathy. *Journal of Personality*, 40(4), 525-543.
- Mitchell, R. K., Busenitz, L., Lant, T., McDougall, P. P., Morse, E. A., & Smith, J. B. (2002). Toward a theory of entrepreneurial cognition: Rethinking the people side of entrepreneurship research. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 27(2), 93-104.
- Mobbs, D., Greicius, M. D., Abdel-Azim, E., Menon, V., & Reiss, A. L. (2003). Humor modulates the mesolimbic reward centers. *Neuron*, 40(5), 1041-1048.
- Nassif, V. M. (2014). Aspectos Cognitivos e Afetivos: uma relação indissociável para compreender o comportamento do empreendedor. *Anais do VII Encontro de Estudos em Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas (EGEPE)*, Goiania, Brasil.
- Ochsner, K. N., Bunge, S. A., Gross, J. J., & Gabrieli, J. D. (2002). Rethinking feelings: an fMRI study of the cognitive regulation of emotion. *Journal of Cognitive Neuroscience*, 14(8), 1215-1229.
- Ochsner, K. N., & Gross, J. J. (2005). The cognitive control of emotion. *Trends in Cognitive Sciences*, 9, 242-249.
- Oldfield, R. C. (1971). The assessment and analysis of handedness: the Edinburgh inventory. *Neuropsychologia*, 9(1), 97-113.
- O'Malley, M. N., & Gillette, C. S. (1984). Exploring the relations between traits and emotions. *Journal of Personality*, 52(3), 274-284.
- Overbeek, T. J., Nieuwenhuis, S., & Ridderinkhof, K. R. (2005). Dissociable components of error processing: on the functional significance of the Pe vis-à-vis the ERN/Ne. *Journal of Psychophysiology*, 19(4), 319-329.
- Panksepp, J. (1998). The periconscious substrates of consciousness: Affective states and the evolutionary origins of the SELF. *Journal of Consciousness Studies*, 5(5-6), 566-582.
- Pessoa, L. (2008). On the relationship between emotion and cognition. *Nature Reviews Neuroscience*, 9(2), 148-158.
- Piaget, J. (1977). *The development of thought: Equilibration of cognitive structures*. (Trans A. Rosin). Viking.
- Podsakoff, P. M., MacKenzie, S. B., Lee, J. Y., & Podsakoff, N. P. (2003). Common method biases in behavioral research: a critical review of the literature and recommended remedies. *Journal of Applied Psychology*, 88(5), 879.
- Preacher, K. J., & Hayes, A. F. (2008). Asymptotic and resampling strategies for assessing and comparing indirect effects in multiple mediator models. *Behavior Research Methods*, 40(3), 879-891.
- Preston, S. D., & De Waal, F. B. (2002). Empathy: Its ultimate and proximate bases. *Behavioral and Brain Sciences*, 25(01), 1-20.

- Radloff, L. S. (1977). The CES-D scale: A self-report depression scale for research in the general population. *Applied Psychological Measurement, 1*(3), 385-401.
- Rainville, P., Duncan, G. H., Price, D. D., Carrier, B., & Bushnell, M. C. (1997). Pain affect encoded in human anterior cingulate but not somatosensory cortex. *Science, 277*(5328), 968-971.
- Rainville, P., Carrier, B., Hofbauer, R. K., Bushnell, M. C., & Duncan, G. H. (1999). Dissociation of sensory and affective dimensions of pain using hypnotic modulation. *Pain, 82*(2), 159-171.
- Richard, R., Pligt, J., & Vries, N. (1995). Anticipated affective reactions and prevention of AIDS. *British Journal of Social Psychology, 34*(1), 9-21.
- Ross, L. & Nisbett, R. E. (1991), *The person and the situation. Perspectives of social psychology*. Philadelphia: Temple University Press.
- Røysamb, E. (1997). Risk behaviour: Towards a model of affectively construed action. *Personality and Individual Differences, 22*(1), 33-46.
- Russell, J. A., & Barrett, L. F. (1999). Core affect, prototypical emotional episodes, and other things called emotion: dissecting the elephant. *Journal of Personality and Social Psychology, 76*(5), 805.
- Russell, J. (2003). Introduction: The return of pleasure. *Cognition & Emotion, 17*(2), 161-165.
- Schmahmann, J. D., & Sherman, J. C. (1998). The cerebellar cognitive affective syndrome. *Brain, 121*(4), 561-579.
- Shamay-Tsoory, S. G., Aharon-Peretz, J., & Perry, D. (2009). Two systems for empathy: a double dissociation between emotional and cognitive empathy in inferior frontal gyrus versus ventromedial prefrontal lesions. *Brain, 132*(3), 617-627.
- Singer, T., & Lamm, C. (2009). The social neuroscience of empathy. *Annals of the New York Academy of Sciences, 1156*(1), 81-96.
- Spiering, M., Everaerd, W., & Laan, E. (2004). Conscious processing of sexual information: Mechanisms of appraisal. *Archives of Sexual Behavior, 33*(4), 369-380.
- Talairach, J., & Tournoux, P. (1988). Co-planar stereotaxic atlas of the human brain. 3-Dimensional proportional system: an approach to cerebral imaging. Thieme Medical Publishers, New York.
- Tomkins, S. S. (1981). The rise, fall, and resurrection of the study of personality. *Journal of Mind and Behavior*.
- WeintraubAustin, E., Miller, A. C. R., Silva, J., Guerra, P., Geisler, N., Gamboa, L., ... & Kuechle, B. (2002). The effects of increased cognitive involvement on college students' interpretations of magazine advertisements for alcohol. *Communication Research, 29*(2), 155-179.
- Vermunt, J. D. (1996). Metacognitive, cognitive and affective aspects of learning styles and strategies: A phenomenographic analysis. *Higher education, 31*(1), 25-50.
- Vyas, A., Pillai, A. G., & Chattarji, S. (2004). Recovery after chronic stress fails to reverse amygdaloid neuronal hypertrophy and enhanced anxiety-like behavior. *Neuroscience, 128*(4), 667-673.
- Waterman, A. S. (1993). Two conceptions of happiness: Contrasts of personal expressiveness (eudaimonia) and hedonic enjoyment. *Journal of Personality and Social Psychology, 64*(4), 678.
- Xu, D., Liu, T., Ashe, J., & Bushara, K. O. (2006). Role of the olivo-cerebellar system in timing. *The Journal of Neuroscience, 26*(22), 5990-5995.
- Zajonc, R. B. (1980). Feeling and thinking: preferences need no inferences. *American Psychologist, 35*, 151-175.
- Zajonc, R. B. (2000). Feeling and thinking: Closing the debate over the independence of affect.